

## EM NOME DO PAI: O DISCURSO DA IGREJA SOBRE O CASAMENTO GAY.

Viviana Bezerra de Mesquita (UERN)

[vianamesquita@yahoo.com.br](mailto:vianamesquita@yahoo.com.br)

Francisco Paulo da Silva (UERN)

[f.paulinhos@uol.com.br](mailto:f.paulinhos@uol.com.br)

Ana Maria de Carvalho(UERN)

[Carvalhoana1@hotmail.com](mailto:Carvalhoana1@hotmail.com)

### Introdução:

A ideia de casamento gay instaurou um confronto discursivo na sociedade contemporânea, fazendo circular discursos constituídos de diversos atravessamentos de cunho social, político e cultural. As mudanças estruturais em evidência têm provocado rearranjos na construção social dos sujeitos e de suas identidades, fazendo surgir novas formas de sociabilidade frente às identidades sexuais homoafetivas e a oficialização do casamento entre esses sujeitos.

Este trabalho tem como objetivo refletir sobre o tema do casamento gay e a posição do discurso religioso sobre essa prática social emergente. A análise aqui proposta alicerça-se nos pressupostos teóricos da Análise do Discurso de linha francesa, em diálogo com os Estudos Culturais.

Nosso corpus de análise se encontra no portal de notícias “*globo.com*” publicado em 09 de janeiro de 2012, em matéria intitulada: *Casamento homossexual é “ameaça” à humanidade, diz papa*. Partimos dos enunciados presentes na matéria para assinalar os mecanismos discursivos de construção da posição da Igreja em relação aos homossexuais e ao casamento homossexual.

### O casamento e a família:

*Diz-se que no início do século XVII ainda vigorava uma certa franqueza. As práticas não procuravam o segredo: as palavras eram ditas sem reticências excessivas e, as coisas, sem demasiado disfarce; tinha-se com o ilícito uma tolerante familiaridade (...) um rápido crepúsculo se teria seguido à luz meridiana, até as noites monótonas da burguesia vitoriana. A sexualidade é, então, cuidadosamente encerrada. Muda-se para dentro de casa. A família conjugal a confisca. E absorve-a, inteiramente na seriedade da função de reproduzir. Em torno do sexo se cala. O casal, legítimo e procriador, dita a lei. Impõem-se como modelo, faz reinar a norma, detém a verdade, guarda o direito de falar, reservando-se o princípio do segredo. (FOUCAULT, 2005, p. 9)*

Essa passagem de Foucault (2005) é emblemática no sentido de mostrar que as mudanças de sentido historicamente atribuídas à sexualidade e à família, surgiram como estratégia para atender determinados padrões por onde o poder das estruturas sociais, econômicas e religiosas necessitaram se instaurar.

Evidentemente as práticas e papéis sociais não se modificam com um “pisar de olhos”, no entanto, as transformações da família a partir do século XVII, foram marcadamente definindo os papéis sociais de homem e de mulher, com isso estabelecendo uma ordem social a partir do modelo de casamento entre

um 'homem' e uma 'mulher', alguém que, ao tentar, fugir desse padrão, automaticamente estaria fora da norma estabelecida (WEEKS, 2001, p.67).

Em uma observação da dinâmica da vida e das relações sociais e culturais, vimos que a instituição família, foi ao longo do tempo sofrendo suas mudanças, a priori, estabelecendo-se como ordem e moral representativa do modelo de reprodução sexual, e em seguida adquirindo traços leves de alterações simples até chegar às mudanças mais profundas e evidentes no mundo contemporâneo.

Muitos autores acreditam que algumas das contribuições que mais influenciaram as mudanças no modelo de família, passou pela revolução sexual, as conquistas do movimento feminista e a própria revolução industrial, forçando a ocorrência de alterações nas práticas e papéis sociais assumidos por homens e mulheres no decorrer do século XIX e meados do século XX.

Weeks (2001) aponta dois aspectos principais ligados às mudanças profundas ocorridas nas relações familiares; um se refere à mudança crítica nas atitudes em relação ao casamento e à família, na qual uma crise inicial do casamento moderno se instaura na ideia de que o casamento 'pode' não ser mais para a vida toda. Com isso, instauram-se os processos de divórcios e a constituição das famílias com pais e mães solteiras. É fato, que essa crise inicial não gera expectativas para um suposto fim do casamento, mas, instaura uma importante alteração no modelo de casamento antes previsto como sendo a instituição cristalizada, sem chances de ruptura, feita para uma vida toda. O segundo aspecto apontado é a crescente percepção de que há muitos tipos de famílias e que elas mudam ao longo do ciclo de vida dos seus membros (WEEKS, 2001, p. 78).

Neste trabalho tomamos a instituição 'casamento' como uma construção social, atravessada por fatores culturais, políticos e econômicos, em lugar e tempo determinados. A existência de variações culturais, econômicas e políticas nos leva a empreender o caráter dinâmico do movimento dos sujeitos ao longo da história, em determinados contextos sociais, e, com isso, não podemos escapar do sentido de construção social das relações dos indivíduos com a instituição família e casamento.

O que ocorre é que o casamento antes posto como aprisionador do sexo e guardião da ordem e da moral, como elemento-chave do modelo heterossexual, está sendo ameaçado ao longo do tempo e que exatamente agora, século XXI, a ameaça, perpassa a legitimidade dos sujeitos envolvidos no processo do casamento, não só como alterações nas relações entre estes sujeitos, mas também no que se refere aos papéis sociais dos sujeitos envolvidos cujo ponto central está localizado na questão do exercício da sexualidade.

Não se trata da desconfiguração da ideia de casamento, mas da organização e afirmação dos sujeitos em minoria simbólica representados pelo exercício de sua sexualidade que se encontra fora da normatividade imposta pelo modelo heterossexual, ocorrendo assim uma ideia de resignificação do casamento.

Na atualidade, a ideia de casamento que passa por uma crise de identidade vai culminar com a resignificação da ideia de casamento (não exatamente uma via que leva ao fim do casamento). Talvez se esperasse da comunidade homossexual a luta contra os padrões heteronormativos, atingindo os pontos fortes desse modelo e que disseminasse um posicionamento contra a própria ideia de casamento. No entanto, é crescente a luta do movimento homossexual pela afirmação do casamento gay como estratégia de afirmação a um direito político e garantia de acesso à cidadania e respeito à diversidade sexual. Percebemos que a ideia de casamento está mais forte do que nunca, embora seja uma ideia resignificada.

Ocorrendo sim, uma luta, uma disputa por querer definir, quem e quais sujeitos deveriam ou poderiam ter legitimidade para tal feito, para tal empreitada do casamento que culmina consequentemente na ideia de família.

Um exame dos discursos em confronto quando o tema é o casamento gay, deixa que enxerguemos a disputa travada entre o discurso da Igreja e a posição dos sujeitos homossexuais em relação ao direito ao casamento Gay e que nessa disputa os sujeitos se encontram em níveis desiguais de condições de lutas, bem como nos aponta Luiz Melo (2005) quando fala da influencia da igreja católica no Brasil em relação ao movimento homossexual:

*Não existe termo de comparação entre a influência da Igreja Católica e a da 'comunidade homossexual' na confrontação dos valores e práticas dominantes na sociedade brasileira. A primeira é uma instituição hierarquizada, com séculos de tradição e com um corpo doutrinário unitário e sistematizado. A segunda é um conjunto formado por sujeitos políticos com nível precário e incipiente de organização institucionalizada. (MELO, 2005, p.141-142)*

No jogo das relações de força que sustentam essas instituições sobressai a primeira pela força da tradição e sua aposta na tendência conservadora de nossa sociedade, formada pela influencia dos dogmas do cristianismo. Assim, a recorrência a memória que sustenta essa formação, eiva os discursos de preconceitos em nome de uma moral sustentada nos interesses da primeira que produz uma “vontade de verdade” no que se refere à família e ao casamento, o que mostra que a constituição de sentidos para o casamento e a família é uma construção social, política, cultural e histórica.

### **A igreja e o casamento gay**

Analisaremos a materialização discursiva impressa no portal de notícias “*globo.com*” em 09 de janeiro de 2012, utilizando-se do conceito de formação discursiva e interdiscurso como dispositivos centrais de nossa análise.

## Casamento homossexual é 'ameaça' à humanidade, diz papa

Declarações são as mais fortes proferidas por Bento XVI contra união gay. Segundo ele, educação das crianças precisa de 'ambientes' adequados.

Da Reuters

344 comentários

Tweetar 560

Recomendar 5,4 mil

O papa Bento XVI disse nesta segunda-feira (9) que o casamento homossexual é uma das várias ameaças atuais à família tradicional, pondo em xeque "o próprio futuro da humanidade".

Foram as declarações mais fortes já proferidas pelo pontífice contra o casamento homossexual, durante um pronunciamento de ano novo a diplomatas de quase 180 países acreditados no **Vaticano**, abordando questões econômicas e sociais contemporâneas.

O título da notícia coloca em destaque o termo “ameaça” numa referência à posição da Igreja em relação ao casamento gay. Por meio desse enunciado, observamos sujeitos em confronto, posicionados em formações discursivas opostas. O sujeito desse enunciado se marca institucionalmente na figura do Papa, representante da Igreja Católica. O uso do termo “ameaça” demarca um alerta feito por essa instituição quanto aos perigos de se defender esse casamento. A base dessa posição centra-se na defesa da reprodução biológica como critério para o casamento. Em favor disso, são feitas interpretações do evangelho que favorecem os interesses dessa instituição religiosa. Ainda em função disso, são disseminados preconceitos e intolerância, o que contribui para a circulação de práticas homofóbicas. Isso ocorre sustentado por relações de poder que deixa entrever uma “vontade de verdade” (FOUCAULT, 2010) da Igreja Católica. Vejamos outro recorte referente às declarações do Papa publicadas na mesma notícia.

"Essa não é uma simples convenção social", disse o papa, "e sim a célula fundamental de cada sociedade. Consequentemente, políticas que afetam a família ameaçam a dignidade humana e o próprio futuro da humanidade".



Papa recebe diplomatas em audiência no Vaticano nesta segunda (9) (Foto: Reuters/Pier Paolo Cito)

Em vários países -principalmente no mundo desenvolvido-, autoridades eclesiásticas católicas protestam contra iniciativas voltadas para a legalização do casamento gay. Nos EUA, um dos principais paladinos dessa causa é o arcebispo de Nova York, Timothy Dolan, que será sagrado cardeal pelo papa em fevereiro.

Numa recente carta, Dolan criticou o presidente Barack Obama por sua decisão de não apoiar uma proibição federal ao casamento homossexual, e alertou que essa política pode "precipitar um conflito nacional de enormes proporções entre a Igreja e o Estado".

A Igreja Católica, que tem 1,3 bilhão de seguidores no mundo, prega que as tendências homossexuais não são pecado, mas que os atos homossexuais são, e que as crianças devem crescer em uma família tradicional, com um pai e uma mãe.

Fonte: portal globo.com em 09 de janeiro de 2012.

## Fora do armário: a posição da representação gay

No Brasil, representantes do movimento LGBT, rebateu o discurso pronunciado pelo papa Bento XVI. Num artigo publicado em 12 de janeiro de 2012 em seu site e na revista Carta Capital, o deputado federal Jean Wyllys acentuou a posição dos ativistas homossexuais em relação ao discurso do Papa. Para o ativista, as declarações do Papa de que o casamento gay é ameaça a humanidade, é desrespeitosa com a comunidade homossexual. Assim ele expressou-se ao se referir ao enunciado do Papa em destaque no texto acima:

*“A hierarquia da Igreja católica tem uma linguagem metafórica própria, como qualquer outro grupo social. Quando eles falam em ‘defesa da vida’, estão, em realidade, se referindo ao aborto; quando falam em ‘defesa da família’, estão se referindo ao casamento homossexual (algumas décadas atrás, estavam se referindo ao divórcio). Se o papa fala de ‘família fundada sobre o matrimônio entre um homem e uma mulher’ e, logo depois, na mesma frase, ele fala em ‘políticas que atentam contra a família’, todo o mundo sabe que ele estava se referindo ao casamento entre homossexuais[...]. Quando o papa disse publicamente que o casamento homossexual ‘ameaça o próprio futuro da humanidade’, ofendeu e desrespeitou, na sua dignidade humana, milhões de pessoas homossexuais no mundo inteiro[...]. Eu pensava que o que o ameaçava eram as guerras (muitas delas étnicas ou religiosas), a fome, a miséria econômica, a desigualdade e as injustiças sociais, a violência, o tráfico de drogas e de armas, a corrupção, o crime organizado, as ditaduras de todo tipo, a supressão das liberdades em diferentes países, os genocídios, a poluição ambiental, a destruição das florestas, as epidemias... Porém o Papa, mesmo ciente de todos esses males e consciente de que sua instituição – a Igreja Católica Apostólica Romana – contribuiu com muitos deles ao longo da história ocidental, disse que a humanidade é ameaçada pelo fato de dois homens ou duas mulheres se amarem e, por isso, decidirem construir um projeto de vida comum e obter o reconhecimento legal dessa união para gozar de direitos já garantidos aos heterossexuais”*

As posições em confronto desses sujeitos demarcam formações discursivas antagônicas cada uma com um conjunto de saberes que tecem seu interdiscurso sustentado na memória que historicamente cada uma construiu. Para o discurso da Igreja Católica o casamento é tomado como uma instituição provinda da união entre um sujeito de sexo masculino e outro de sexo feminino, ou seja, o casamento simbolicamente se construiu como sinônimo de uma relação entre um homem e uma mulher. Com isso estabelece uma relação de poder ao desqualificar a possibilidade do casamento homossexual, utilizando-se da ideia construída por essa instituição acerca do casamento, para reforçar sua permanência. Logo, uma relação que contrarie a junção da visão binária de gênero é, para o discurso religioso, um fato que foge a norma, foge a regra e por isso é desqualificado, conjurado, enquadrado e violentamente reduzido. Já para os sujeitos que

defendem o casamento gay a justificativa recorre à memória política do exercício da cidadania e dos direitos humanos.

Embora práticas da antiguidade mostrem a existência de relações homoafetivas, o legado do casamento entre essas pessoas só recentemente passou a emergir como prática social. O discurso religioso ao fazer uso da memória social e memória coletiva, sobre o casamento estabelece uma relação de poder que desqualifica a possibilidade do casamento homossexual, utilizando-se da ideia já construída dos indivíduos acerca do casamento para reforçar sua permanência. Assim, tudo o que não dialogar com a ideia já concebida, é, para o discurso religioso, um fato que foge a norma, foge a regra e por isso é desqualificado, conjurado, enquadrado e violentamente reduzido.

Identificamos uma relação clara de interdiscurso no enunciado em análise que ao afirmar que o casamento gay é ameaça a humanidade, aparece implicitamente o argumento da reprodução da espécie, tendo que uma reprodução genética proveniente da relação sexual entre dois homens ou entre duas mulheres biologicamente é impossível.

A palavra ameaça destacada pelo uso das aspas, revela o grau de importância e agravamento posto pelo discurso religioso, ao se posicionar negativamente frente ao casamento homossexual. O sujeito desse enunciado o produz de um lugar social, institucionalmente determinado e não se trata de qualquer indivíduo ligado à Igreja, mas daquele que possui o nível maior de representatividade dessa Instituição, trata-se do representante oficial da Igreja, a maior autoridade religiosa do segmento católico, proferindo um discurso que desqualifica a existência e a experiência das subjetividades dos sujeitos homossexuais como dignos de assumir determinadas práticas e papéis historicamente dados aos sujeitos heterossexuais.

Outra recorrência ao interdiscurso pode se inscrever na afirmativa em que as crianças precisam de ambientes adequados para serem educadas. Essa afirmação inscreve que a família é um ambiente onde ocorrem processos educacionais, de socialização e por isso ela deve ser responsabilizada pela educação das crianças. Percebemos aqui a produção de um efeito de poder que através do discurso do ideal de família, instaura na família a capacidade e a legitimidade social para exercer a função de guardião das crianças. Mas a família a que se refere à Igreja é a família tradicional alicerçada numa estrutura composta de pai e mãe, numa relação entre um homem e uma mulher, desconsiderando qualquer outra forma de formação familiar. Com isso se negocia sentidos de que ao casamento gay e conseqüentemente a família gay, não é possível, viável e nem apropriado à condução para a educação de crianças.

O discurso de Jean Willys manifesta pelo mecanismo da ironia uma avaliação da posição do Papa. A ironia se inicia com a expressão “Eu pensava que” que funciona como elemento retórico para desautorizar os argumentos do Papa que ao invés de destacar no seu discurso os verdadeiros males da sociedade, silencia-se dando ênfase ao casamento gay.

### **Considerações finais**

A análise empreendida neste trabalho mostrou que em nome do Pai, o representante da Igreja Católica dissemina o preconceito contra os sujeitos homoafetivos, atacando-os na sua luta pelo direito ao casamento. Observamos na análise que o discurso do Papa sustenta-se em argumentos de ordem moral, com interpretações tendenciosas do evangelho, como mecanismo de construção e

disseminação de uma “vontade de verdade” que garante a credibilidade da Igreja junto aos seus fieis. Assim, esse discurso, privilegia o saber da Igreja em relação a qualquer outro saber, inclusive desconsiderando a ideia de Estado laico e de que sobre o casamento e a família há outros discursos que circulam na sociedade como é aqueles produzidos pelo discurso jurídico, político e midiático e por outras práticas culturais que caracterizam algumas sociedades.

No confronto discursivo entre Igreja e ativistas destacamos a contra-argumentação do representante do movimento gay, ao observar que não é a humanidade que está sendo ameaçada com a existência do casamento gay, mas é o casamento gay uma, entre tantas praticas que manifestam o fato da humanidade está mudando, ou que a humanidade sempre mudou e essas a mudança da qual o casamento homossexual é um exemplo, põe em questão a ordem estabelecida por modelos fixos. Afinal, o que está sendo ameaçado é o poder da Igreja suas “verdades” seculares.

Ora, quando apareceu no final do século XX a ideia de que o casamento não era pra vida toda, não se ameaçou de certa forma, o sentido da reprodução sexual e o futuro da humanidade? Quando as mulheres passaram a exigir direitos iguais e garantia da inserção no mercado de trabalho, ganhando autonomia econômica e social, não se ameaçou o principio de casamento tradicional? Não se ameaçou a reprodução sexual e o futuro da humanidade, quando o capitalismo passou a criar mecanismo de adequação para os vários tipos de sujeitos consumistas, inclusive os que teoricamente não teriam filhos ou filhas (gays e lésbicas) criando um mercado ativo para esse público? Não se contribuiu também para a possibilidade de minimização da reprodução sexual e ameaça do futuro da humanidade os questionamentos em relação ao direito ao aborto e o direito das mulheres em decidir sobre seus próprios corpos? Não são também ameaças a família tradicional as práticas sexuais dos homens fora do casamento que sempre existiram? E a generalização da aceitação do controle de natalidade? E os escândalos da prática de pedofilia dentro das Igreja em todo o mundo, não nos fazem pensar sobre ambientes adequados para educação das crianças? Diante tantas perguntas, que práticas então, poderão ser consideradas ameaças a humanidade? De qual humanidade se fala? Em que tempo, em que lugar? Por que esses sujeitos (homoafetivos) são alvo de tantos ataques pela Igreja? Qual humanidade se quer fazer preservar? Para fazer sentido a quais sujeitos? Para servir a quem?

Essa interrogação retórica subjaz ao discurso da comunidade gay, representada aqui no pronunciamento do deputado Jean Willys que reivindica o direito da comunidade LGBT de ter garantida sua cidadania. Ademais, ela responde a uma necessidade do cidadão de ter respeitada sua orientação sexual, conforme a Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948).

## **Bibliografia**

FOUCAULT. O sujeito e o poder. In.: RABINOW, Paul e DREYFUS, Hubert. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231- 249.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural do Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 20 ed. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1**: A vontade de saber. 16 ed. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A Guilhon Albuquerque. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

MELO, Luiz. **Novas famílias**: conjugalidade homossexual no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

WEEKS, Jeffrey. In.: LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Ogr. Tomaz Tadeu da Silva. 2. Ed. Belo Horizonte: Autentica, 2001.

Disponível em: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2012/01/casamento-gay-ameaca-a-humanidade-diz-o-papa-1.html>> Acesso em: 10 ago. 2012.

Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/bento-xvi-e-as-ameacas-contr-a-humanidade/?autor=407>> Acesso em: 27 ago. 2012.

Disponível em: <http://jeanwyllys.com.br/wp/bento-xvi-e-as-ameacas-contr-a-humanidade-coluna-de-jean-wyllys-na-carta-capital-12-01-2012> Acesso em: 27 ago. 2012.

Disponível em:

<[http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis\\_intern/ddh\\_bib\\_inter\\_universal.htm](http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm)>  
Acesso em: 27 ago. 2012.